

Comunicação museológica do acervo do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência

Kauanna Vasconcelos de Sousa - Universidade de Brasília

Paola Angela Carvalho Lira - Universidade de Brasília

Palavras-Chave: Comunicação museológica. Musealidade. Comunicação em museus. Musealização. exposição.

RESUMO

A pesquisa propõe estudar a comunicação museológica e o processo de musealização do acervo do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência. Objetivo geral: Analisar o processo de comunicação museológica a partir da musealização do acervo da instituição. Metodologia utilizada foi levantamento documental, revisão de literatura sobre as palavras chaves. A partir do estudo de caso, o processo de musealização será analisado de duas maneiras: a própria manifestação diária dos dragões parte fundamental para a musealização, o processo de seleção e retirada dos objetos do uso cotidiano para a formação da coleção, processo que demandará ações de comunicação museológica acompanhadas de uma discussão espacial, sobre a coleção e a sua função social. Resultados parciais obtidos são reflexões sobre o entendimento ampliado de musealização e comunicação, para além dos espaços museais.

Keywords: Museum communication. Museality. Communication in museums. Musealization. exhibition.

ABSTRACT

The research is applied to the museum communication and the process of musealization of the collection of the 1st Cavalry Regiment and Dragons Guard of Independence. General objective: To analyze the process of museum communication from the musealization of the institution's collection.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Methodology was documentary survey, literature review on how keywords. From the case study, the process of musealization will be analyzed in two ways: a manifestation of the daily life of dragons for a process of musealization, the process of selection and selection of everyday objects for a collection formation, process of claiming museum communication actions accompanied by a spatial discussion about a collection and its social function. Partial results are reflections on the broader understanding of musealization and communication, beyond the museal spaces.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa se iniciou estágio curricular do curso de museologia da Universidade de Brasília, onde uma das autoras, desenvolveu a documentação dos objetos que se encontram expostos no local do estudo de caso.

A pesquisa tem o objetivo analisar processo possíveis de comunicação museológica a partir da musealização do acervo do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda (1º RCG) - Dragões da Independência. Com os objetivos específicos: realizar a pesquisa museológica a partir dos objetos existentes no atual espaço de exposição, propor uma exposição voltada ao público do centro cultural.

A proposta metodológica deste artigo é aplicada, uma vez que envolve atividade de estudo de um local específico, análise de literatura e visitas de campo. Os dados da pesquisa foram coletados por meio de pesquisa documental, revisão bibliográfica e em visitas realizadas na localidade.

A relevância deste trabalho acontece em razão da história que o regimento possui e do grau de visibilidade perante o estado brasileiro.

2. MUSEU, MUSEOLOGIA E MUSEALIZAÇÃO

Podemos compreender por museu:



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009)

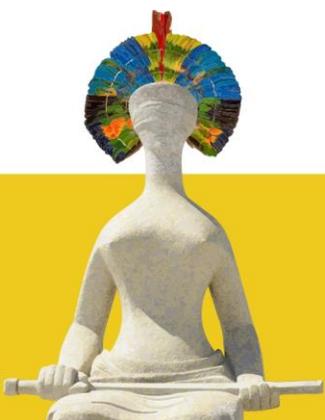
A definição de museus, pode esbarrar em diferentes contextos, e em diferentes atividades, para o museólogo holandês Peter Van Mensch “evocar somente três: preservar, estudar e transmitir” (POULOT, 2013), Dominique Poulot “menciona um manifesto publicado no início da década de 1970, que identificava cinco funções elementares: colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor” (Júnior, 2015. p.290)

Para Waldisa Rússio, em 1977, existiam diferentes tipos de espaços museais:

Museu-arquivo, museu-apêndice, museu indefinido, museu não especializado; exposição não expositiva; não-valorização das exposições temáticas especiais; museus sem centro de interesse definido (GUARNIERI, 1977, p. 113)

Em Brasília, capital federal, existem 69 museus, nas mais diversas tipologias, essa “fragmentação dos museus em especialidades tem também sua história que aponta para o século XVIII e que está ainda por ser feita” (MENESES, 1994. p 15), existindo os tipos mais comuns: enciclopédicos, de história natural, temáticos, e os institucionais, o tipo mais recorrente na capital.

A criação dos primeiros espaços voltados para a memória de órgãos e autarquias instalados em Brasília, começa a partir do anos 80. (Nogueira *apud* Corsino, 2003. p. XX). O Centro Cultural Dragões da Independência, sediado dentro do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência (1º RCG), que será tema de estudo neste artigo, integra uma unidade de cavalaria ligada ao Exército Brasileiro, podendo ser enquadrado como um museu institucional, este tem:



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

um fazer museológico específico, com características próprias, algumas vezes não realizando trabalhos inerentes aos museus. Ao observar as práticas desses museus, ditos institucionais, o primeiro estranhamento é o fato de que suas unidades mantenedoras não possuem, como atividade fim, a preservação, a pesquisa ou a comunicação de bens culturais. Já essas unidades museais sim, possuem como atividade fim a preservação da memória institucional do órgão que as abriga. Logo, o trabalho desses museus deveria ser o de estabelecer pontes entre o órgão e o seu corpo de funcionários (público interno) bem como com a sociedade (público externo). (NOGUEIRA, 2015. p.33)

No âmbito dos museus institucionais a carência de pesquisas, não mostra os potenciais desses espaços culturais, voltado a acervos específicos de determinadas instituições que necessitam contar e preservar a memória de suas dinâmicas internas, permitindo que à sociedade conhecer o trabalho exercido.

Uma vez musealizados, os acervos e/ou espaços institucionais são ressignificados. O processo de musealização, pode ser definido como:

musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em musealium ou musealia, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal.

O processo de musealização não consiste meramente na transferência de um objeto para os limites físicos de um museu, como explica Zbyněk Stránský [1995]. Um objeto de museu não é somente um objeto em um museu. (DESVALLÉES, 2013, p. 57)

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Um dos pontos mais importantes na musealização em um ambiente tão específico, como uma unidade de cavalaria, é a relação do “Homem (público/sociedade) e o Objeto (coleção/patrimônio) em um Cenário (museu/território)” (Cristina Bruno, 1997. p. 14), essas relações se estreitam e se tornando dependentes, a

função dos processos de musealização das referências patrimoniais que têm sido preservadas e tem potencialidade de transformá-las em heranças culturais. (BRUNO, 1997, p. 14)

A relação o homem e o objeto, é um importante fator de legitimação, em um local com hierarquias definidas, onde o espaço cultural “é uma das formas de preservação” (ARANTES, 1984, p. 62). A museologia, uma ciência com alguns conceitos ainda não se encontram totalmente definidos, o objeto vem sendo construído para Waldisa “é uma coisa chamada simplesmente de fato museológico” (ARANTES, 1984, p. 60), este pode ser entendido como “ (...) uma relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, testemunho da realidade.” (ARANTES, 1984, p.60).

Enquanto o processo de retirada do objeto de seu contexto original e atribuição de novos significados, a

musealização como estratégia de preservação (que deve ser compreendida em sentido amplo: preservação física e preservação das informações, o que pressupõe o acesso) e como processo (ou conjunto de processos) de caráter necessariamente seletivo (musealizar implica em selecionar). (LOUREIRO; LOUREIRO, 2013, p.33).

Tratando se de um processo tão complexo, mas não exclusivo dos museus, não necessariamente a musealização é realizada exclusivamente por um museólogo.



Para além de uma área que estuda museus o “termo museológico seria relativo a Museologia, hoje não mais restrita à atuação em museus”(SCHEINER, 2007 apud MAGALDI, 2017, p.15), e sim com uma atuação em ambientes que tenham por finalidade a divulgação e/ou preservação de algo.

O que se pode compreender é que o processo de musealização está incluso formas de visibilidade institucional, como: exposições e mostras. Assim, para alguns autores, a museologia e a museografia se estabelecem como meio da musealização, “porque descreve (o quê), específica (para quem) e analisa (como) o processo no qual a sociedade atribui o status patrimonial a determinados objetos e preserva-os para distintos usos (BRUNO, 2007 apud CURY, 2009, p. 35).

Marília Xavier Cury, 2005,

termo musealização, por ele se entende valorização dos objetos”, assim essa valorização vai de encontro com a relação que o homem tem que estabelecer com o objeto, pois assim segundo a mesma “essa valorização poderá ocorrer com a transferência do objeto de seu contexto para o contexto dos museus ou, ainda, a sua valorização in situ, como ocorre nos ecomuseus. (CURY, 2005, p. 24)

Quanto ao objeto existente em um espaço museal com finalidade de preservação, “o objeto deve ser preservado: preservar para ensinar, preservar para comunicar” (CURY, 2005, p. 25), estes objetos são portadores de documentalidade esse “refere-se à ensinar algo: o potencial do objeto museológico de ensinar algo a, logicamente alguém” (CURY, 2005, p. 25).

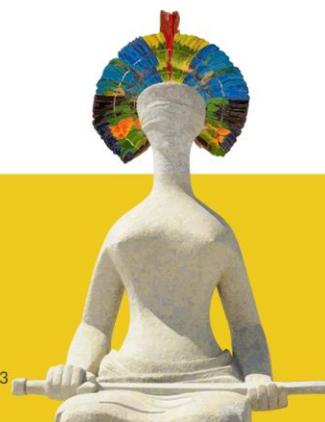
uma série de ações sobre os objetos, quais sejam: aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação. O preceito se inicia-se ao selecionar um objeto de seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas de outras

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



formas. Compreende, ainda, as atividades administrativas como pano de fundo desse processo. (CURY, 2005, p.26)

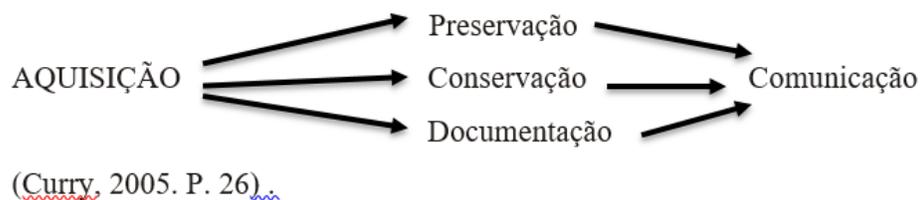
O processo de musealização, necessita de uma conclusão, que pode ser compreendido como:

a comunicação – e conseqüentemente a exposição – como parte essencial do processo de musealização deve ser construída a partir de experimentação museográfica, sistematicamente avaliadas e o resultado aplicado na dinâmica processual que consiste a musealização.... (CURY, 2005, p. 27)

O diagrama a seguir consegue sintetizar como processo para a musealização pode vir a ocorrer:



Imagem 1: Fluxograma



Levando em consideração esta visão, somente a entrada do objeto no museu não lhe qualifica como musealizado, fica assim faltando uma parte essencial que é a interação deste com o público, que é o seu consumidor final, por meio de exposição ou de mostrar, mas se fazendo essencial para que não se tenha o museu como local de guarda e não de comunicação.

A coleção que está sob análise, iniciou o processo de musealização, ficando ausente a conclusão, a comunicação, tendo sido aplicado sobre a coleção um “olhar museológico” sobre as coisas materiais “ (CURRY, 2005. p. 24), esse olhar pode ser tanto do museólogo, quanto de quem trabalha no local é consegue ver as possibilidades de comunicação e musealização.

3. ESTUDO DE CASO: 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência

O 1º RCG é reconhecido como a unidade mais antiga do Exército Brasileiro, estando previsto em sua missão “manter as tradições equestres da força terrestre”.

Começa ainda no Império e vem se modificando junto com o Brasil, tendo grande ligação com o Rio de Janeiro, onde desempenhou atividades a mando do Imperador. Após a declaração de República por Deodoro, passa a servir a República.



Com a mudança da capital em 1960, este teve sua sede e pessoal transferido para o planalto central, áreas administrativas, campos para atividades equestres e o centro cultural, com quadros e objetos doados por ex membros, presidentes e tropas estrangeiros e brasileiras, que retratam a história da cavalaria brasileira e a história do Brasil.

3.1 1º REGIMENTO DE CAVALARIA E GUARDA

O 1º Regimento de Cavalaria e Guarda foi criado oficialmente em 1808, mas sua origem é mais antiga, foram aproveitados pessoal e material de unidades de cavalaria que existiam desde o início do século XVIII em Minas Gerais e no Rio de Janeiro.

Em 1711, as primeiras companhias de cavalaria surgiram para atender as demandas de ordem pública decorrentes da exploração do ouro. Estas são substituídas em 1719 por companhias de dragões, que são um tipo de cavalaria, são armadas com espadas e clavinas, enquanto a cavalaria ligeira só usava espada. Assim, vieram de Portugal companhias para desempenhar serviços na arrecadação de impostos proveniente do ouro da capitania, criando assim a Companhia de Dragões Reais das Minas. Devido à desorganização e ao reduzido número de oficiais, em 1775, é criado o regimento de cavalaria, para substituir os dragões.

Com a invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas, a Família Real e funcionários do Estado português desembarcaram no Rio de Janeiro em 7 de março de 1808. Não existia, até então, em solo brasileiro uma tropa para proteção da família real, somente o Esquadrão de Cavalaria e Guarda dos Vice-Reis, empregados em missão e guarda, e não como força de combate.

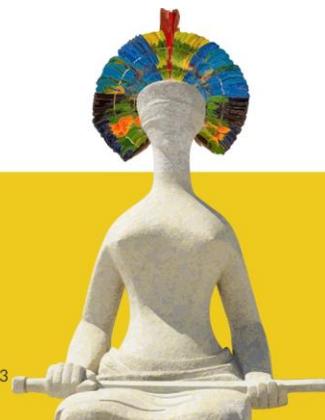
Assim, com a necessidade de uma cavalaria mais preparada, em 1808, é criado o 1º Regimento de Cavalaria do Exército a partir do deslocamento do efetivo do Regimento de Cavalaria de Minas, o qual foi alocado para o Rio de Janeiro. Esse regimento possuía informalmente nas suas atribuições a proteção do Príncipe Regente D. João, feita pela Imperial Guarda de Honra, representada no quadro

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

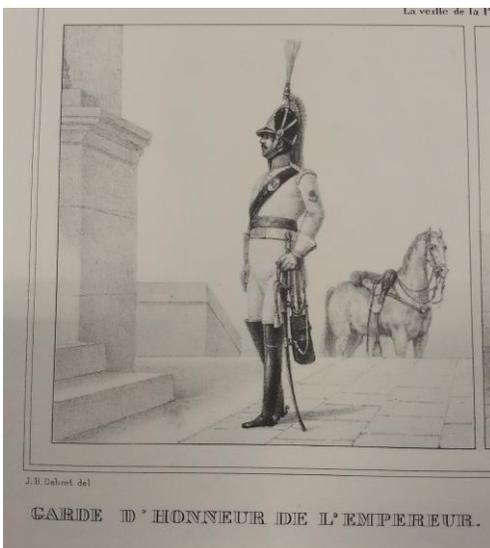
ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



“O grito do Ipiranga” de Pedro Américo. Essa guarda era uma tropa de civis, formada por nobres com a missão de proteção da família real, sendo dissolvida em 1832.

No quadro, Pedro Américo representa a roupa histórica da guarda de honra do príncipe. O uniforme foi desenhado em 1816 por Jean Baptiste Debret, inspirado nos uniformes dos dragões da Áustria, país da então imperatriz Leopoldina.

Foto 2: Imagem do livro “Viagem pitoresca ao Brasil



Fonte: Acervo de obras raras, Câmara dos Deputados

Em 1825, quando a Imperial Guarda de Honra, começou a desempenhar outras funções além de guarda do imperador, outros uniformes mais apropriados para o dia a dia foram desenhados por Valmont.

Ao longo dos anos o 1º Regimento participou da proclamação da República, dando apoio ao Marechal Deodoro, revolta de canudos e revolução de 1930, como tropa em prol do governo.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

3.2 DRAGÕES DA INDEPENDÊNCIA

Em 1916, o deputado Gustavo Barroso, com ideia de restaurar as tradições militares, apresenta um projeto de lei que atribuía ao 1º Regimento de Cavalaria o uniforme da Imperial Guarda de Honra, o título de Imperial Guarda de Honra e execução dos cerimoniais presidenciais e escoltas. O projeto é aprovado em duas votações na Câmara, mas reprovado pelo Senado, sob o argumento que o quartel teria tratamento especial frente aos outros.

Em 1936, 20 anos depois, o que Barroso propôs no poder legislativo, mas que não foi à frente é sancionado por decreto presidencial nº1042/1936, que prevê:

Art. 1º Fica atribuída a denominação de - Dragões da Independência - relembrando a unidade criada em 1 de dezembro de 1822, ao 1º Regimento de Cavalaria Divisionário, originário que é do 1º Regimento de Cavalaria, formado pelos esquadrões dos Vice-Reis, em 1808, por ato do Príncipe Regente D. João.

Art. 2º Caberá, assim, nas ocasiões determinadas, o uso do uniforme dos Dragões a unidade referida no artigo anterior. (Brasil, 1936)

Atual missão do regimento é:

promover a guarda das instalações presidenciais, executar o cerimonial militar da Presidência da República, realizar operações de garantia e ordem a cavalo, participar de operações internacionais e subsidiárias, contribuir para a formação do cidadão brasileiro e manter as tradições equestres das forças terrestres (1º RCG, 2016)

Assim desde 1936, o regimento vem fazendo uso do uniforme e desenvolvendo cerimonial, onde ocupa papel de destaque, sendo reconhecido como a 1ª Unidade do Exército e fazendo uso do uniforme mais simbólico da força. O regimento é reconhecido no meio militar e civil em razão das tradições e dos nomes que serviram no local, como os dois ex-presidentes: Figueiredo e Deodoro.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



3.2.1 A MANIFESTAÇÃO

As manifestações do 1º RCG, acontece em: posse presidencial, recepção de Chefes de Estado Internacionais, desfile da Independência, festa da cavalaria, troca de bandeira e guarda dos Palácios com ocupados pelos chefes de Estado Brasileiro, função dívida com o Batalhão da Guarda Presidencial.

Foto 3: Posse presidencial, escolta do presidente eleito ao Congresso Nacional.



Fonte:Lula Marques

As manifestações acontecem em locais de grande quantidade de transeuntes, como praça dos três poderes e palácios do poder executivo, o que faz com que o contato que as pessoas vão ter com a coleção seja secundário.

Foto 4: Guarda dos palácios do poder Executivo



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Fonte: Pedro Ladeira - 28 fev. 2018/ Folhpress

A roupa usada pelo regimento, foi desenhada por Jean-Baptiste Debret, em 1816, sendo característico o uniforme branco com escamas em dourado e detalhes em vermelho e capacete dourado, que volta a ser usada em 1926, no desfile da Independência que o uniforme é usado pela 1ª vez.

Para o uso no regimento as roupas passaram por modificações, como a exclusão e substituição dos elementos que remetesse ao império. Sendo atualmente regulamentado o traje por meio do Regulamento de Uniformes do Exército (RUE).

Os motivos pelo qual acontece a manutenção destas tradições de indumentária e do cerimonial são diversos, podendo ser por motivos históricos, demonstração de soberania, motivos regulamentares do país, no caso do Brasil por decretos que prevê as escoltas e receptivos executados pelas unidades do Exército, Marinha e/ou Aeronáutica.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

3.2.2 O CENTRO CULTURAL

Local oficialmente é conhecido como Salão Nobre, fundado em 12 de fevereiro de 1926, por meio de uma ordem do dia do então comandante José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, como: “uma obra de continuidade e persistência, conquistado pelo desejo de aparelhar este regimento com os grandes cometimentos que lhe se deparam no futuro.” (FILHO, 2006. p.117)

Tendo como missão ser: “recinto compatível com as necessidades de nossa representação, do nosso progresso”(FILHO, 2006. p.117). Na oportunidade foram realizados a aquisição de obras de arte para o local e alguns mobiliários.

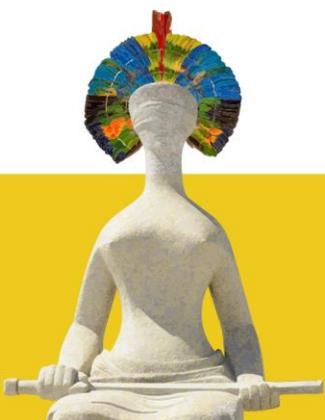
Com a mudança da capital o local foi transferido para Brasília, juntamente com as obras e o mobiliário, o espaço é dividido atualmente com o posto de comando do comandante. O espaço é uma porta de visitas, onde os convidados são recepcionados, usado para as recepções de autoridades, festa de oficiais e abriga a exposição do acervo.

3.2.2.1 ACERVO

O acervo conta com réplicas de quadros, de nome que serviram na arma de cavalaria, como: a “Batalha do Avaí”, o “Grito do ipiranga”, de Pedro Américo e na obra “A Proclamação da República” de Henrique Bernardelli, sendo esta a coleção “inicial”.

Ao longo dos anos foi sendo adquirido por meio de doações e presentes em visitas oficiais. A coleção em 14 de janeiro de 2019, quando foi realizado o último levantamento contava com 213 itens, divididos entre: medalhas, indumentária, quadros, documentos, bustos, livros e documentos oficiais, presentes de tropas estrangeiras e nacionais.

A seleção é realizados pela autoridade máxima no local, o comandante, não existindo uma política de aquisição escrita, os critérios são estabelecido pela sua relação como a cavalaria ou com



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

alguma figura histórica da arma. Desta forma, o acervo busca passar para o público como o 1º RCG e a arma de cavalaria atuaram na história do Brasil e quais são as suas tradições.

3.2.2.2 EXPOSIÇÃO

Atualmente a exposição ocorre em duas salas, em 12 vitrines retangulares, onde os objetos são expostos, sem uma ordem cronológica ou legendas com contextualização. Os quadros estão dispostos levando em conta as dimensões da sala, em razão das amplas dimensões não faz possível a movimentação com facilidade.

A exposição atual é compreendida quando se possui um conhecimento prévio sobre a cavalaria ou com mediação, em visita sem essa dois “parâmetros” os objetos não são capazes de se comunicarem com o público.

Sendo a exposição lida a partir do visão de uma das autoras:

Módulo existe	Tipo de acervo	Informações na legenda
1	Livro histórico sobre o carrossel	Texto de 8 linhas
2	Livro de recordação, selo, cartas presidenciais	Não há
3	Espadas e bastões	Não há
4	Fotos dos antigos uniformes	Não há
5	Medalhas e bastão de comando	Texto sobre a medalha somente
6	Tijolo, medalha e fotografia	Texto de 3 linhas, sobre cada objeto
7	Documento histórico	Texto de 4 linhas sobre.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

8	Medalhas de um ex- comandante	não há
9	Selos, cartão postal, documentos	não há
10	Cartas do Osório	Texto com o remetente de cada uma.
11	Livro histórico do regimento	Não há
12	Presente de tropa estrangeira	Não há
13	Quadros das paredes	Não há legendas em nenhum
14	3 bustos	Não há

Tabela: Produzida pelas autoras

O processo de musealização, neste caso está em “evolução”, se iniciou com remoção dos objetos do contexto original, a partir da seleção pela relação com a cavalaria. Sendo necessário para sua conclusão uma proposta de comunicação, em que os objetos consigam se comunicar com o público sem a necessidade de terceiros.

A proposta, para conclusão do processo de musealização, é a realização de uma nova mostra, em que seja levado em consideração os quadros, para a realização de setorização dos ambientes da sala.

Neste artigo somente estarei trabalhando com o hall de entrada e a sala maior, onde se concentram maior parte da coleção e as maiores possibilidades de movimento. A sala menor é usada como sala de recepção e administração.

Foto 5: Vistas do ambiente, das duas salas onde os objetos ficam distribuídos



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Fonte: Produzido por uma das autoras

Fonte 6: Vistas do ambiente, das duas salas onde os objetos ficam distribuídos



Fonte: Produzido por uma das autoras

O espaço seria dividido em núcleos, onde os quadros seriam os definidores das temáticas das vitrines.

Do lado esquerdo ao quadro o "A proclamação da república".

Foto 7: Vista do ambiente



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



Fonte: Produzido por uma das autoras

Com três vitrines, um núcleo dedicado à apresentação dos “grandes nomes da cavalaria”, e seus objetos, como medalhas e espadas, e as cartas históricas. Assim as três vitrines em questão seriam dedicadas ao Gen Walter Pires Albuquerque, Gen José Fragomeni e outras as cartas históricas que Manuel Osório, Marquês do Herval, além de um bastão de comando.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

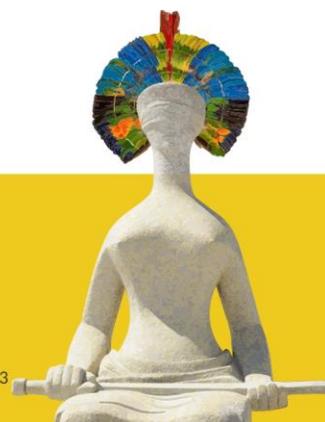


Foto 8: Vista do ambiente



Fonte: Produzido por uma das autoras

A réplica da obra de Pedro Américo, “O grito do ipiranga” e do quadro de “Dragões em desfile”, é possível ver a farda em questão e observar um pouco das tradições equestres. As três vitrines seria um local de recordações da unidade, seria expostas a coleção de recordações do prédio da unidade que se localizava no RJ, um tijolo brasonado e medalhas que este ganhou por atividades desempenhadas, o documento de organização do regimento e as cartas presidenciais que a unidade recebeu em comemoração.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

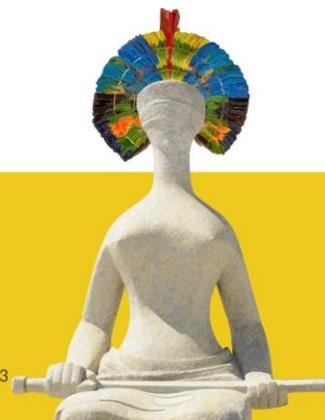


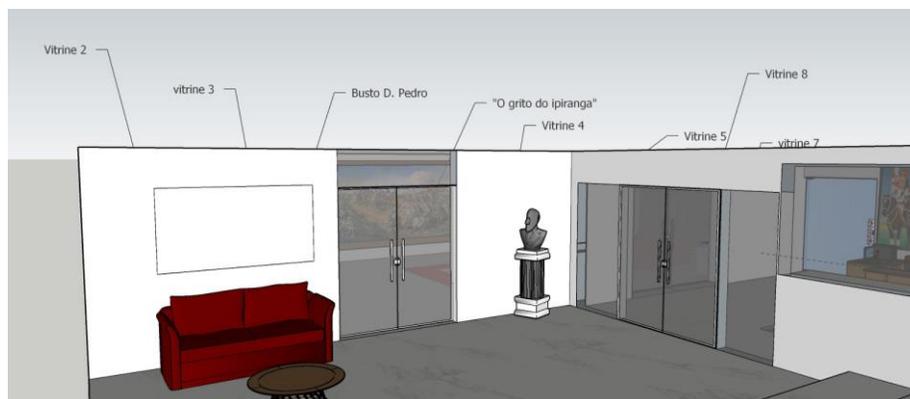
Foto 9: Vista do ambiente



Fonte: Produzido por uma das autoras

Abaixo do quadro que retrata batalha, a temática seria feita da cavalaria, com a exposição de aquarelas onde se vê a evolução das roupas históricas da unidade, o livro histórico com os movimentos do carrousel e os selos do qual unidade confeccionou em comemoração.

Foto 10: Vista do ambiente



Fonte: Produzido por uma das autoras



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

E no pátio externo na parede que no momento se encontra vazia é feito a proposta de uma galeria com placas recebidas pelo regimentos de diversa unidades. Atualmente essas placas, ficam dentro da sala do comandante.

Devendo ser confeccionada legenda, para o busto ao lado da porta. Como o desenvolvimento de um texto breve, a ser fixado em MDF, e disposto na parede ao lado do busto, com um breve histórico do regimento. E a colocação de legendas nos quadros das paredes, o que não ocorre atualmente.

Produzindo assim um ambiente com essa nova setorização:

Possibilidade de organização	Módulos antigos	Tipo de acervo	Informações na legenda
1	3/8/10	-Espadas e bastões -Medalhas de um ex-comandante -Cartas do Osório	-Ano em que pessoa viveu -Função desempenhada -Breve explicação do objeto com até 3 linhas
2	6/7/2/5	-Tijolo, medalha e fotografia -Documento histórico de organização da unidade -cartas presidenciais e Selos, livro de fotografia -bastão de comando	-localização do regimento no período de emissão do documento -Quem o escreveu -Data -Finalidade



4^o SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

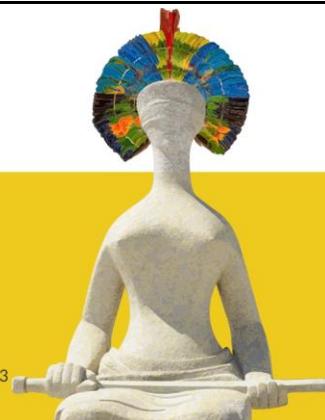
3	1/4/9/5	-Livro histórico sobre o carrossel -Fotos dos antigos uniformes - cartão postal, documentos -Medalhas de translação	-Título -Data - Autor/Fotógrafo -Motivação para uso/premiação
4	11	Livro histórico do regimento	-Data -motivação -Breve explicação sobre
5	12	Presente de tropa estrangeira	-Data -Quem deu? -motivação
6	13	Quadros das paredes	-Data -autor -Cópia ou original -técnica -Nome da figura representada -dimensões
7	-	Placas de tropas nacionais e estrangeiras	-País de origem -Data do recebimento -técnica

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3



			-dimensões
8	-	3 bustos	-Nome -Função desempenhada -Material

Tabela: Produzida pelas autoras

A setorização se coloca como possibilidade nesse acervo em razão das dimensões das obras, levaria ao público relacionar a temática dos quadros as temáticas das vitrines em razão da proximidade das relações. Com o desenvolvimento de vitrines condizentes com o acervo, sucintas e eficientes, é possível que os objetos transmitam suas narrativas, dentro do 1º RCG.

Nesta proposta de finalização do processo de comunicação, não se faz nenhuma modificação de layout do espaço, em razão da impossibilidade e dos usos diversos, visando um aproveitamento eficiente. Ficando como possibilidade para futuras pesquisas, a projeção de um espaço, dentro da própria unidade para abrigar o acervo e realização de mostras diversas, com o desenvolvimento de um plano museológico que vise a ampla divulgação e intercâmbio entre acervo e outros de mesma tipologia do Brasil.

REFERÊNCIAS:

1º RCG. 1º regimento de cavalaria e guarda - Dragões da independência, 2016. Missão do regimento. Disponível em: <http://www.1rcg.eb.mil.br/index.php/editoria-f>. Acesso em: 15.ago.2019.

ARANTES, Antonio Augusto (Org.) Produzindo o Passado. Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.



BRASIL. Decreto nº 1.042, de 20 de agosto de 1936. Atribue ao 1º Regimento de Cavallaria Divisionário a denominação de "Dragões da Independência". Brasil:1936.Disponível em:<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-1042-20-agosto-1936-459478-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 15.ago.2019

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009: Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, 2009.

BRUNO, Cristina. CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA Nº 10, Rio de Janeiro, 1997. pp.13-21. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10437/3625>>.

CURY, Marília Xavier. Museologia: novas tendências. In: MAST Colloquia. Museu e

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005. 162p.

DESVALLÉES, André Desvallées; MAIRESSE, François (Ed.). Conceitos-chave de Museologia. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento. Dissertação de Mestrado em Memória. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1977.

JÚNIOR. Cláudio de Sá Machado.POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 58, p. 289-294, out./dez. 2015.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus e LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. In: MIDAS [online], 1 | 2013, Online since 01 April 2013, connection on 28 May 2017. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/midas/78#tocto1n3> >. Acesso em: 28 jun. 2018.

MAGALDI, Monique Batista. A documentação sobre exposições em museus de arte: a musealização dos processos, a história da exposição e a museografia. 2017. xviii, 294 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/handle/10482/24637> . Acesso em: 22 fev 2018.



4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: Anais do Museu Paulista. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v2n1/a02v2n1.pdf>>. Acessado em 16 fev 2016.

Museologias: Interfaces e Perspectivas. V.11.2009. p. 26-41.

NOGUEIRA, Daniele Galvão Pestana. A preservação da memória do Tribunal de Contas da União por meio de seu museu (1970-2010). 2015. 493 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, 2015.

POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

4º SE
BRA
MUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE E PARA A MUSEOLOGIA

ISSN 2446-8940
ISBN 978-65-87555-00-3

